

Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 25 de Novembro - Ano: XXXII - N.º 2001 - Preço: 1 Euro - Semanário

Contratos a recibo verde nos hospitais de Ponta Delgada e Angra preocupam a Ordem Açores precisam de mais 400 enfermeiros numa altura em que todos os anos perdem cerca de 12 para a emigração e 50 para a reforma e/ou abandono da profissão

Portugal continental perde todos os meses 4 enfermeiros para o estrangeiro, mais concretamente para países da União Europeia e Reino Unido. Nos Açores, não há uma sangria tão grande, mas devido à nossa dimensão a saída de um profissional de saúde da área de enfermagem todos os meses, em média, é sinal de preocupação, numa altura em que a Região precisa de mais 400 enfermeiros para dar resposta cabal a todas as solicitações. Pedro Soares, Presidente do Conselho Directivo Regional da Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros diz que não é possível à Região competir com a oferta financeira que estes países oferecem aos enfermeiros, mas defende que é possível estabilizar a saída se for possível tornar atractiva a carreira e também dar mais estabilidade aos que estão a recibo verde há mais de um ano nos hospitais de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Pág. 2



Ricardo Silva apresenta 31 medidas para dinamizar a Associação de Futebol de Ponta Delgada

Ex-presidente da Câmara da Ribeira Grande candidata-se à APFPD e quer promover o futebol e o futsal femininos

última



Jovens com cartão
InterJovem podem
fazer viagens
inter-ilhas de
1 a 30 de Dezembro
por 21 euros



Pág.4

Cerimónia da entrega será em Lisboa dia 4

Investigadora da Universidade dos Açores distinguida com o prémio EMEL

Pág. 8



A perda de poder
de compra continua
em 2025 para a
função pública
e a pobreza para
pensionistas, diz
Eugénio Rosa

Pág.11

Pedro Soares defende que tem de haver mais condições nas instituições de Apoio à fixação de enfermeiros nas ilhas sem hospital pode avançar em 2025 numa altura em que há um saldo negativo entre a formação e as saídas para a reforma e emigração

Portugal continental perde todos os meses 4 enfermeiros para o estrangeiro, mais concretamente para países da União Europeia e Reino Unido. Nos Açores, não há uma sangria tão grande, mas devido à nossa dimensão a saída de um profissional de saúde da área de enfermagem todos os meses, em média, é sinal de preocupação, numa altura em que a Região precisa de mais 400 enfermeiros para dar resposta cabal a todas as solicitações. Pedro Soares, Presidente do Conselho Directivo Regional da Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros, diz que não é possível à Região competir com a oferta financeira que estes países oferecem aos enfermeiros, mas defende que é possível estabilizar a saída se for possível tornar atractiva a carreira e também dar mais estabilidade aos que estão a recibo verde há mais de um ano nos hospitais de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Portugal continental perde, em média, todos os meses 4 enfermeiros para o estrangeiro, mais concretamente para países da União Europeia e Reino Unido. Nos Açores, não há uma sangria tão grande, mas devido à nossa dimensão a saída de um profissional de saúde da área de enfermagem todos os meses, em média, é sinal de preocupação, numa altura em que a Região precisa de mais 400 enfermeiros para dar resposta cabal a todas as solicitações.

Pedro Soares, Presidente do Conselho Directivo Regional da Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros, diz que “para já não é tão flagrante os pedidos de emigração. A nossa média tem sido um pedido por mês, ao contrário do que se passa a nível que se cifra em quatro enfermeiros. Contudo, embora residual, esta é uma situação que nos preocupa porque as condições que estes países dão nem o nosso país nem a nossa região conseguem oferecer, sendo certo que cada enfermeiro que se perde no sistema regional de saúde é uma perda muito grande tendo em conta a grande dificuldade que temos em constituir equipas”.

Neste momento a Região não tem conseguido formar enfermeiros para dar resposta cabal a todas as necessidades. “Actualmente, por ano, estamos a formar o mesmo número de enfermeiros daquele que termina a carreira ou abandona a profissão, embora seja em número menor temos que reconhecer que também há quem deixe a profissão e/ou os enfermeiros que optem pela emigração. O Saldo é praticamente nulo entre a formação e o número de enfermeiros que termina a profissão nos Açores”, refere Pedro Soares, adiantando que por ano a região forma cerca de 75 enfermeiros e por ano saem de funções entre 70 a 75 enfermeiros, em média. A maior percentagem, entre 90 a 93%, é de enfermeiros que passam à reforma e a restante percentagem está dividida pelos que abandonam a profissão e os que optam pela emigração. São estas três áreas que fazem com que o número de enfermeiros baixe anualmente na região”, garante.



Questionado o nosso entrevistado se esta perda de enfermeiros se deve ao facto de a carreira não ser aliciante diz que sim, por um lado mas, por outro, mesmo a carreira não sendo aliciante “ainda há procura pela profissão”, lembrando que “a diferença está no facto de há 20 anos a região formava cerca de 120 enfermeiros por ano, o que dava um saldo muito positivo no que concerne à formação, agora as exigências e a capacidade formativa da Universidade dos Açores, que é quem forma a maior parte dos enfermeiros do arquipélago, é menor e por isso só se formam metade dos enfermeiros. Enquanto o que estamos a tentar fazer é criar condições nos campos de estágio com a certificação e com trabalho com a Universidade dos Açores para que se criem condições para que a própria academia evolua nesta capacidade formativa de enfermeiros”.

Há quem defenda que à semelhança do que acontece, por exemplo, na Albânia, os profissionais de saúde deviam prestar entre 3 a 5 anos na região ou país onde se formam. Sobre esta questão, bastante discutível e polémica, o argumento de Pedro Soares para que isso não aconteça assenta na legislação portuguesa que não permite esta obrigatoriedade, assim como

esta possibilidade é logo posta de parte pelo facto de estarmos na União Europeia e no Espaço Schengen - livre circulação de pessoas e bem -, que Portugal respeita. Para Pedro Soares “a condição aqui não é obrigar as pessoas a ficarem X tempo, mas criar condições e atractividade para que se consiga que estas pessoas não deixem a região ou o país. Isso não passa apenas por uma questão remuneratória, mas também passa por condições de trabalho nas diversas instituições, passa por uma oferta formativa - (porque a enfermagem efectivamente necessita de formação constante devido à evolução na área da saúde) - e passa igualmente por perspectivas futuras em termos de carreira. Essas são todas questões de base que faltam criar e desenvolver na região e no país”.

O Presidente do Conselho Directivo Regional da Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros reconhece que as ilhas mais pequenas, pela sua geografia e isolamento, acabam por ser as que mais sofrem por não conseguir fixar enfermeiros, havendo mesmo concursos de recrutamento que ficam desertos. “Nós temos vindo a defender a necessidade de criar apoio à fixação de enfermeiros. Percebemos que na maior

parte das ilhas, nomeadamente as que não têm hospital há uma dificuldade em reter enfermeiros. Os concursos abrem e fecham sem nenhum candidato.

Temos vindo a trabalhar com a tutela e temos alguma garantia de que em 2025 vai avançar também o apoio à fixação de enfermeiros, à semelhança do que acontece com outros profissionais de saúde. Estamos em crer que esta será uma das medidas que poderá levar a que consigamos levar enfermeiros às ilhas com mais dificuldades de retenção de profissionais de saúde, como são as ilhas mais pequenas, em algumas das quais onde há grandes dificuldades de encontrar alojamento para os profissionais que para lá se deslocam”. Esse é um dos constrangimentos a par de outros custos advindos pela dispersão geográfica e que fazem encarecer os produtos.

Pedro Soares aproveita a ocasião para defender a entrada nos quadros dos enfermeiros que estão a recibo verde nos hospitais de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo há mais de um ano e que desta forma não têm quaisquer regalias nem oportunidade de carreira, mas que são muito precisos nestas instituições.

Nélia Câmara